



METROPOLE

SSA-BA

10 ABR 2025



O GIGANTE QUER VENDER VAPE

Febre de consumo dos cigarros eletrônicos assusta autoridades em saúde pública, mas desperta interesse em gigante do tabaco, que prepara investida munida de apoio do Congresso e da imprensa. Págs. 2 a 4



Wilson Paes Cardoso, Carlos Fico e comandantes da PM e do CBM são os entrevistados da semana. Pág. 5



Janio de Freitas analisa tratamento dado pela imprensa ao governo Lula: "há sempre um mas". Pág. 6



Caso de soldado intitulado "Hitler da Bahia" expõe violência transformada em entretenimento nas redes. Pág. 11

Operação Vape

Gigante do tabaco faz investida para entrar no mercado dos cigarros eletrônicos apostando em apoio do Congresso e da imprensa

Texto **Jairo Costa Jr.**

jairo.costa@radiometropole.com.br

Vape, vaper, pod, e-cigarette, e-ciggy, e-pipe ou e-cigar. A variedade de nomes importa menos do que a ofensiva intensificada este ano por uma gigante global da indústria tabagista, a BAT Brasil, para regulamentar e, conseqüentemente, liberar o quanto antes no país a venda de cigarros eletrônicos, febre de consumo que assusta autoridades em saúde pública, pesquisadores da área médica e especialistas dedicados a estudar os efeitos decorrentes do uso do tabaco.

BAT-ESTRATÉGIA

Para alcançar o objetivo, a BAT Brasil se vale de toda sorte de estratégia: mobilizar a opinião pública, lançar mão de dados científicos que parecem feitos sob medida, angariar apoio no Congresso Nacional para a empreitada e tentar convencer a imprensa a comprar a ideia de que se trata de um mal muito menor que as baforadas em um desses Lucky Strikes da vida, etapa fundamental nos planos de inundar o país com vapes de nicotina em curto prazo.

Foi com essa intenção que a empresa convidou 17 jornalistas de 15 veículos de diferentes estados, entre os quais o Grupo **Metropole**, para discutir no último dia 18 de março a regulamentação de vapes

no país. Além do debate, o pacote incluiu uma visita às instalações do BAT Brazil Labs, tido como um dos mais modernos no desenvolvimento de produtos derivados do tabaco, situado em Cachoeirinha, cidade gaúcha da Grande Porto Alegre.

Para quem não pegou a visão ainda, BAT é a sigla da British American Tobacco, integrante da lista de maiores fabricantes de cigarros do planeta. É também o nome atual de uma velha conhecida dos brasileiros. No caso, a Souza Cruz. Líder do setor no Brasil, a empresa fundada em 1903 e controlada pela companhia britânica desde 1914 concentrou esforços no mercado tradicional do tabaco ao longo de um século. Mas o vento mudou de direção quando os vapes começaram a invadir a praça dominada por ela décadas a fio.

BATALHA CAMPAL

Diante do avanço dos eletrônicos, a gigante resolveu levantar do berço até então esplêndido. Entretanto, encontrou uma enorme pedra no caminho: a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), órgão que possui a palavra final em assuntos relativos às indústrias farmacêutica, alimentícia e tabagista. Conhecida pelo controle rígido que impõe aos produtos sob sua alçada, a Anvisa vetou a venda de vapes no Brasil a partir de 2009. Em 19 de abril de 2024, a proibição foi mantida por decisão

unânime da diretoria colegiada da agência.

Restou à BAT Brasil iniciar uma investida em larga escala para disseminar o mantra de que vapes são infinitamente menos prejudiciais à saúde que os cigarros comuns. A tática se baseia em um raciocínio simples: o de que os dispositivos eletrônicos de nicotina produzem apenas 5% das mais de sete mil substâncias tóxicas resultantes da queima do tabaco, a exemplo do alcatrão e do monóxido de carbono. Portanto, devem ser vistos como alternativas capazes de reduzir danos e de abrir portas de saídas para o tabagismo.

OBRIGADO POR FUMAR

Grande parte da cruzada deflagrada pela antiga Souza Cruz para a regulamentação dos vapes é baseada em pesquisas comparativas e estatísticas sobre o mercado mundial do tabaco. Trocando em miúdos, a boa e velha utilização da ciência como suporte para defesas e ataques do setor, tema bem explorado no cultuado filme Obrigado por Fumar, sátira de 2005 dirigida por Jason Reitman que conta as peripécias dos fabricantes de cigarros dos Estados Unidos para vender a ideia de que tabaco não é tão ruim como dizem.

À primeira vista, os argumentos sacados pela companhia para vender o próprio ponto de vista podem soar bastante

Publisher **Editora KSZ**
Diretor Executivo **Chico Kertész**
Projeto Gráfico **Marcelo Kertész & Paulo Braga**
Editor de Arte **Paulo Braga**
Coordenação **Mariana Bamberg**

Diagramação **Dimitri Argolo Cerqueira**
Redação **Daniela Gonzalez, Fabiana Lobo, Ismael Encarnação, Jairo Costa Jr. e Luanda Costa**
Revisão **Redação**

Comercial **(71) 3505-5022**
comercial@jornaldametropole.com.br
Rua Conde Pereira Carneiro, 226 - Pernambués - CEP 41100-010
Salvador, BA tel.: (71) 3505-5000



convincentes. Coube ao gerente sênior de Assuntos Científicos e Regulatórios da BAT Brasil, Marcos Vinícius Machado Teixeira, apresentá-los aos jornalistas convidados para o debate. De acordo com Teixeira, as pesquisas apontam uma série de resultados positivos gerados pelos vapes em comparação com os cigarros comuns, nos mais de 80 países onde ele são regulamentados e vendidos formalmente.

ACREDITE SE QUISER

Além de garantir que os vapes produzem um percentual 95% menor de compostos nocivos, Teixeira afirma que a quantidade de fumantes tradicionais vem caindo substancialmente nas nações onde os dispositivos são regulamentados, enquanto a curva de usuários dos eletrônicos cresce em sentido oposto. Entre os adultos ingleses, acrescenta o executivo, a proporção de pessoas que usavam ci-

garros comuns junto com vaporizadores caiu de 73,7% em 2012 para 31% em 2021. O que, segundo ele, mostra a tendência de abandono de produtos mais prejudiciais para os de menor risco.

Ao ver a explanação de Teixeira, é impossível não compará-lo a Nick Taylor, o intrépido porta-voz da indústria do tabaco protagonizado pelo ator Aaron Eckhart em "Obrigado por Fumar". Sobre tudo, no trecho do debate em que o gerente da BAT Brasil assegura, com toda convicção possível, que a nicotina é "relativamente inofensiva", sem se dar conta do tamanho da incongruência em relativizar o alto potencial de dependência e de problemas de saúde causados pelo consumo sistemático da substância. Advertido pela reportagem do **Jornal Metrópole** sobre o paradoxo, Teixeira, que é químico industrial por formação, deu uma de Nick: usou ouvidos de mercador e seguiu na valsa em defesa dos vapes.



divulgação

Dados contrariam tese da BAT

Os argumentos da gigante do tabaco para acelerar a regulamentação dos cigarros eletrônicos no país colidem frontalmente com a série de pesquisas acerca do uso de vapes produzidas nos últimos anos. Entre os quais, vale destacar o estudo de autoria dos pesquisadores Josef Yayan, Karl-Josef Franke, Christian Biancosino e Kurt Rasche, todos vinculados ao Departamento de Medicina da Universidade Witten-Herdeck, na Alemanha.

Publicado em 2014 pela holandesa Elsevier, uma das principais editoras científicas do mundo, o material baseado em 11 pesquisas que compararam a saúde respiratória de fumantes e de usuários de cigarros eletrônicos desmonta a tese de baixa nocividade disseminada pela BAT Brasil. Ao todo, os autores do estudo identificaram mais de dez males originados pelo consumo de vaporizadores de nicotina.

MORTES NA CONTA

Na lista, estão quatro tipos de pneumonia e dois de bronquite crônica, Doença Pulmonar Obstrutiva Crônica (DPOC) e agravamento dos quadros de asma. Ao rol de enfermidades, os pesquisadores acrescentaram ainda a chamada Evali, doença nova e fatal que provoca lesões sérias nos pulmões e está diretamente associada ao uso de vapes. Nos Estados Unidos, a Evali provocou ao menos 70 mortes e paralisou por anos a regulamentação dos cigarros eletrônicos.

ROTA DE COLISÃO

O posicionamento dos cinco membros da diretoria colegiada da Anvisa na reunião em que a proibição dos vapes foi mantida também desmontam os argumentos da companhia. A cúpula da agência concluiu que onde os vapes foram liberados, como os EUA e o Reino Unido, houve um aumento no número de crianças e adolescentes que se tornaram fumantes.

Ao mesmo tempo, a Anvisa levou em conta pesquisas que apontaram uma entrega de nicotina pelos vapes 20 vezes maior que a dos cigarros comuns. Ao contrário do que diz a BAT Brasil, para quem a dosagem a substância é muito menor. Por fim, a agência destacou o aumento no consumo de tabaco em nações onde os vaporizadores foram liberados como justificativa para manter o veto.



Culpa do contrabando

Em contrapartida, a antiga Souza Cruz atribui os casos de mortes ligadas ao uso de vapes à ausência de regulamentação. O que, para a companhia, favorece o contrabando de dispositivos fabricados sem qualquer atenção com a saúde dos consumidores.

Por outro lado, o executivo da companhia admite que a regulamentação não é suficiente para impedir o contrabando de vapes, já que a BAT Brasil gasta recursos materiais e humanos há mais de uma década na tentativa de frear a entrada de cigarros produzidos no Paraguai através das fronteiras do país. Mui-

to menos será capaz de evitar, por si só, o acesso de menores de 18 anos aos vaporizadores legalizados.

DAMA DOS VAPES

No afã de concretizar a regulamentação dos cigarros eletrônicos no Brasil, a indústria do tabaco se vale de uma arma usada ao longo do tempo pelas companhias do setor: o poderoso *lobby* junto aos políticos das mais variadas esferas do Poder Público, especialmente, do Congresso Nacional. Na proa desse movimento pró-vape, está a senadora sul-mato-gros-

sense Soraya Thronicke (Podemos), eleita pelo extinto PSL em 2018 durante a coqueluche do bolsonarismo.

Antes, Soraya ganhou visibilidade nacional como candidata do União Brasil à Presidência da República em 2022. De lá pra cá, perdeu espaço para a conterrânea Simone Tebet (MDB), terceira colocada na corrida pelo Planalto e atual ministra do Planejamento do governo Lula. Um ano depois, ressurgiu na vitrine da imprensa nacional ao propor o polêmico projeto de lei para regulamentar os vapes no Brasil, resultado de investidas feitas por lobistas da indústria do tabaco.

joedson alves/agencia brasil



Visita bancada

Mas, como diz o ditado popular, o diabo mora nos detalhes. Em dezembro de 2024, a Revista Piauí revelou que a senadora havia viajado à Itália para fazer um *tour* pela fábrica instalada na região da Bolonha por outra gigante mundial dos cigarros, a Phillip Morris, interessada na regulamentação de dispositivos eletrônicos. Em especial, os de tabaco aquecido, que ao contrário dos vapes, utilizam o produto in natura, porém, sem gerar combustão.

Acontece que o périplo de Soraya pela Itália foi custeado pela Phillip Morris, com suporte do ex-senador paraibano Cássio Cunha Lima (PSDB), sócio de uma empresa que presta serviços à empresa. Dona da marca Marlboro, a companhia nova-iorquina sediada no estado americano de Connecticut, segunda colocada no mercado brasileiro, aposta alto na regulamentação de dispositivos de tabaco aquecido, largamente usados no Japão e que apresentam desempenho semelhante ao dos vapes.

Para defender o projeto de sua autoria, a senadora repete os argumentos usados pelas duas líderes mundiais do setor. Em linhas gerais, afirma que os vapes e similares são menos prejudiciais que os cigarros comuns, que o contrabando abre espaço para o consumo de dispositivos fabricados sem fiscalização, que o Brasil perde receitas tributárias com a ilegalidade e que apenas países subdesenvolvidos resistem à regulamentação.

DE RIVAL A ALIADA

No mesmo diapasão, a BAT Brasil buscou aliados na trincheira oposta. Tanto que contratou como consultora científica a farmacêutica Alessandra Bastos Soares, que foi diretora da Anvisa de 2017 a 2020 e esteve à frente do setor de tabaco da agência. Presente ao encontro da empresa com os jornalistas, Alessandra deixou claro que considera fumar e vaporizar direitos inalienáveis de cada pessoa, assim como

consumir bebidas alcoólicas, refrigerantes e ultraprocessados, todos igualmente nocivos. Mas, para ela, cabe aos fabricantes e às autoridades em saúde pública a tarefa de oferecer produtos regulamentados e menos prejudiciais.

Para defender projeto, senadora repete os argumentos das líderes mundiais do setor

ENTREVISTA

Wilson Paes Cardoso

PREFEITO DE ANDARAÍ E PRESIDENTE DA UPB



victorramos/metrogress

Temos uma das melhores safras de prefeitos que a Bahia já teve. Só ver quantos foram reeleitos. Não podemos sacrificar com essa conversa de que não bom dinheiro ir pro município, então vamos aprovar a PEC 66

Jornal da Bahia no Ar

ENTREVISTA

Carlos Fico

HISTORIADOR E PROFESSOR TITULAR DA UFRJ



divulgação

Temos sido afetados pelo intervencionismo militar e curiosamente não temos uma sociedade preocupado com os militares. É preciso pensar afinal qual é o papel dos militares

Três Pontos

ENTREVISTAS



METROPOLE

ENTREVISTA

Cel. Antonio Carlos Silva Magalhães

COMANDANTE-GERAL DA PM-BA



victorramos/metrogress

Das ocorrências que chegam ao 190, 80% são relacionadas à violência doméstica. Os dados são fundamentais, mas o que realmente devemos considerar são os comportamentos sociais

Jornal da Bahia no Ar

ENTREVISTA

Cel. Aloísio Mascarenhas

COMANDANTE-GERAL DO CORPO DE BOMBEIROS DA BAHIA



fernanda vilas/metrogress

"A maioria dos incêndios são causados por deficiência na instalação elétrica. Temos muitos equipamentos em uma casa e o dimensionamento de energia não consegue atender

Jornal da Bahia no Ar



Há sempre um 'mas' na imprensa

Janio de Freitas

Jornalista

O governo não é tão ruim como a queda de prestígio de Lula e do próprio governo sugerem. Saiu aí o PIB do ano passado, surpreendendo todas as projeções, todas as contas de soma, multiplicação e não sei o quê, que chegam sempre a um resultado contra o governo Lula. Saiu o PIB aí, a renda per capita subiu, o emprego subiu.

Então, o governo não é tão ruim quanto as pesquisas (honestas ou não, e prefiro acreditar que sejam todas corretas). É preciso que o governo se dê conta de que ou dá à população ciência das suas correções e das suas dificuldades - que nos mandatos anteriores foram muito menores - ou ele não vai melhorar a ponto de entrar na eleição

presidencial de 2026 em boas condições de disputa e com probabilidade efetiva de sair vencedor.

Mesmo aquelas categorias, em geral, um pouco mais informadas não estão sabendo das coisas. O povão então, nem se diga. Há um propósito sempre. Todas as manchetes, todos os títulos que anunciaram o crescimento econômico de 3,4% em 2024, tem uma adversativa. Diziam sempre "mas em dezembro já caiu", "mas no final do ano não superou".

Se nós compararmos o que é o comportamento da comunicação atual com o que foi no governo Fernando Henrique Cardoso, escandalosamente parcial e mentirosa, vamos ver. E se não quisermos descer a Fernando Henrique, já que

aquele comportamento foi um extremo vergonhoso, vamos pegar o governo Bolsonaro. Paulo Guedes teve o mesmo tratamento que Fernando Haddad? Nunca. Bolsonaro como governante teve o mesmo tratamento que dão a Lula?

Quantas asneiras e molecagens Bolsonaro disse todos os dias naquele curralzinho que ele mantinha diante do Palácio e como a imprensa tratou? E como é que a imprensa trata uma frase boba dita por Lula com intenção de fazer humor?

** A análise foi feita pelo jornalista no programa **Três Pontos**, da **Rádio Metropole**, transmitido ao meio-dia às quintas-feiras*

É preciso que o governo se dê conta de que precisa dar à população ciência das suas correções e dificuldades

Ou então não vai melhorar a ponto de entrar em 2026 em boas condições de disputa e com probabilidade de sair vencedor

ARTIGO



METROPOLE

três pontos

com Mário Kertész,
Janio de Freitas,
Bob Fernandes e
Sérgio Augusto

Todas as quintas ao meio-dia
Na Rádio e no [Youtube.com/PortalMetro1](https://www.youtube.com/PortalMetro1)
Reprise as sextas - 19h



Apagão nos palcos

Com escassez de casas de espetáculo, capital baiana vive um vácuo que afasta plateias e impõe barreiras para criadores

Texto **Ismael Encarnação**
ismael.encarnacao@metro1.com.br

ALTERNATIVAS VIÁVEIS E INICIATIVAS QUE RESISTEM (IN)VISÍVEIS

Nos bastidores, por trás das cortinas, a cena teatral de Salvador vive um apagão silencioso. A capital baiana, celeiro de artistas e palco do Teatro Castro Alves (TCA), uma casa de espetáculos histórica, vê seu potencial criativo travado por um fator básico: a falta de espaços para apresentação. Com o TCA fechado para reforma há dois anos, o impacto atinge desde grandes produções nacionais até grupos locais que lutam para se manter em cartaz. E não há, hoje, nenhum outro teatro de médio ou grande porte com estrutura tal qual o Castro Alves, que disponha de 1,5 mil lugares, capaz de preencher esse vazio.

O VÁCUO QUE SE SENTE

“Sem espaço, não espalhamos a palavra dessa arte milenar que une vozes, corpos e pensamentos”, lamenta a produtora cultural Piti Canella. Maior palco da cidade, o TCA sempre foi ponto de encontro entre espetáculos grandiosos e emoções coletivas. As portas fechadas dele expõem uma Salvador que deixa de ser rota para peças, apresentações e musicais de grandes públicos. Enquanto isso, outros teatros - como Teatro Jorge Amado, Sesc Casa do Comércio, Faresi (antigo Isba) - se vêem sobrecarregados e muitos artistas acabam sem ter onde se apresentar. O público, por sua vez, é empurrado às escassas alternativas, que, por suportarem um volume pequeno de público, acabam inflacionando os valores dos ingressos.

Em outras capitais, como São Paulo, teatros em shoppings centers são comuns e ajudam a popularizar a arte. Em Salvador, essa realidade nunca se concretizou - talvez a única iniciativa tenha sido o Teatro Eva Herz, na Livraria Cultura, que fechou em 2021, assim como o antigo Teatro Acbeu.

Propostas para transformar salas de cinema ociosas em teatros esbarram na falta de visão dos empresários, defende Fernando Guerreiro, diretor teatral e presidente da Fundação Gregório de Matos. A lógica parece seguir a velha equação do lucro imediato, como se a arte não fosse também um ativo estratégico para o comércio. Nas escolas, a situação é parecida. Diversas instituições possuem teatros equipados com espaço para 300 pessoas, mas raramente os colocam à disposição da comunidade, alegando custos de manutenção e, claro, a falta de retorno.

rafael martins/teatro casa do comercio



Teatros Sesc Casa do Comércio e Jorge Amado, alguns dos espaços que seguem sobrecarregados por conta da falta de alternativas

Aí a resistência surge. Iniciativas com espaços culturais nos bairros, a exemplo do Boca de Brasa que tem três teatros distribuídos pela cidade, provam que ainda é possível. O Teatro Módulo, mantido por uma escola na Pituba, também se destaca como exemplo de gestão ativa e compromisso com a cena local. Há ainda a expectativa por um Teatro Municipal em parceria com a iniciativa privada, mas a prefeitura vem esbarrando justamente na falta de espaços. Esses casos são exceções que confirmam a regra: Salvador precisa de mais palcos e mais incentivo. Sem isso, artistas precisam driblar a precariedade, enquanto a cidade, tão rica em expressão, segue empobrecida de espaços que a traduzam. Porque, como disse Fernanda Montenegro, “quando um ator para o ato teatral, nada fica”.

ulisses dumas/metropress



Sem controle

Apagão de dados sobre animais em situação de rua em Salvador dificulta destinação de verbas públicas e sobrecarrega ONGs e cuidadores voluntários

Texto **Fabiana Lobo**

fabiana.lobo@metro1.com.br

Quem são, onde vivem e quantos são? As perguntas poderiam ser as chamadas dessas reportagens sensacionalistas de televisão, mas são apenas questões simples e iniciais para qualquer política pública séria. Só que, no caso dos animais em situação de rua de Salvador, continuam sem resposta.

A reportagem tentou respondê-las, buscou as secretarias de Saúde (do estado e município), Conselho Regional de Medicina Veterinárias, as pastas voltadas para meio ambiente, mas ninguém foi capaz de detalhar questões relacionadas à população animal em situação de rua na capital.

FESTIVAL DE PROMESSAS

O apagão de dados, mesmo diante da promessa de um censo, dificulta qualquer estratégia eficaz para controle, saúde e bem-estar desses animais e, por tabela, da população. É simples: sem dados não há sequer como justificar a destinação de verbas públicas à saúde animal e ao combate a zoonoses.

O alerta é também da veterinária Ilka Gonçalves, presidente da Comissão de Ética, Bioética e Bem-estar do Conselho Regional de Medicina Veterinária da Bahia (CRMV-BA), que pontua que, sem controle efetivo, os animais se tornam ainda mais vítimas de maus tratos e vetores de doenças, elevando, inclusive, os custos com internações e tratamentos de saúde. “A prevenção é muito mais barata do que remediar”, enfatiza Ilka Gonçalves, destacando que investir na saúde animal significa também proteger a saúde humana.

REPASSE DE RESPONSABILIDADE

Segundo informou a Secretaria Municipal de Sustentabilidade, Resiliência, Bem-Estar e Proteção Animal (Secis), na prática, a contagem e controle dos animais em situação de rua são feitas apenas por meio do castramóvel, serviço municipal que oferece castração e vacinação gratuitos - uma obrigação legal dos municípios.

A tarefa, no entanto, acaba recaindo nas costas de cuidadores e voluntários, porque é preciso que alguém leve esses animais ao castramóvel e ainda se responsabilize pelo pós-operatório em casos de castração.

Se sobre eles já se acumulam missões como resgate e, muitas vezes, até alimentação e cuidado, atribuir aos cuidadores uma parte fundamental para esse controle, é no mínimo se eximir de uma obrigação.

rovena rosa/agencia brasil



PARA ENFRENTAR OS DIAS DE CHUVA, A PREFEITS TRABALHA O ANO INTEIRO.

O tempo pode mudar muito rápido, mas Salvador está sempre ligada. Durante todo o ano, a Prefeitura trabalha para reduzir riscos e proteger a população. São investimentos constantes que garantem mais segurança em qualquer estação.

- O mais avançado centro de monitoramento do Nordeste
- 14 sirenes de alerta em áreas de risco
- 550 proteções de encostas
- Alertas por SMS

Faça a sua parte:

- Não jogue lixo nas ruas.
- Não plante bananeiras em encostas.
- Fique atento à elevação do nível de rios e canais.
- Ao primeiro sinal de deslizamento, saia logo de casa.

**EMERGÊNCIA
LIGUE 199**



Operação
CHUVA
2025



#PRATODOSVEREM: anúncio da Prefeitura de Salvador destacando ações preventivas contra chuvas, como contenção de encostas, alertas por SMS e monitoramento. O design da imagem é vibrante e informativo, com fundo azul e elementos em laranja para destaque. A tipografia é forte e de alto contraste, chamando atenção para a mensagem principal. Ícones e formas arredondadas reforçam a comunicação visual, enquanto a imagem de um homem com capa de chuva amarela adiciona um toque humano e realista.



Que jornalismo e para quem

Malu Fontes

Jornalista, doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas, professora da Facom/UFBA e articulista da Rádio Metropole

Sete de abril, dia do jornalista. Profissionais reviraram baús digitalizados e compartilharam fotos anunciando o quanto são felizes pela escolha da profissão. É mesmo um privilégio passar a vida e pagar as contas fazendo uma atividade que dá prazer e senso de realização. O problema é a vida atrás da fotografia, o diagnóstico pouquíssimo agradável das rotinas de quem atua hoje na maioria dos veículos, sobretudo os de menor relevância, que se contorcem para atender à lógica dos cliques.

Para se manter em evidência na economia da atenção, o jornalismo de feed remete cada vez menos ao que é notícia, informação e interesse público. Praticamente inexistente, na dieta de quem só se informa pelas redes, o interesse público, enquanto explode o interesse “do” público. E essa partícula aspeada faz uma diferença abissal. No fluxo do feed que exhibia jornalistas provando o tamanho do orgulho profissional, liam-se coisas como “viraliza adestramento de pessoas

que se identificam como cães”.

Como ler coisas assim, ser profissional da área e não se perguntar o que querem e o que informam os veículos. E esse é apenas um exemplo aleatório. É muito chorume e pouquíssima informação limpa. Vendo tantos depoimentos de jornalistas felizes e, simultaneamente, a tipologia das notícias, dá uma curiosidade imensa em saber onde se esconde a razão do orgulho profissional narrado. No salário é que não é.

NAMORADO DE SANDY

O jornalismo, é obvio, não se resume a isso. Mas é inegável que cada vez mais se aproxima mais disso do que da função de mediar o debate público e aproximar o cidadão da compreensão do mundo. O público vem abandonando o consumo de informação relevante, e quem deveria produzi-la, empresarialmente, opta sem hesitar pelo like fácil, descartável e vul-

gar. O discurso de orgulho e o conteúdo entregue parecem mundos separados.

Os verbos? Foram reduzidos a meia dúzia. Sempre que há tiroteio, alguém “se assusta”. Se alguém critica, é obrigatório escrever “detona”, e a diretriz é escrever “esTupr0” e “m0r+e, pois o algoritmo acha melhor. E há quem ache assustador a IA escrevendo notícias. Quem se importa? Cada vez menos gente.

Na economia da atenção, o jornalismo de feed remete cada vez menos ao que é notícia e informação



Terror nas telas

Caso de “Hitler da Bahia” evidencia a transformação da violência como entretenimento nas plataformas digitais

Texto **Luanda Costa**

luanda.costa@radiometropole.com.br

A partir dos 13 anos, no Brasil, qualquer jovem pode ter acesso ao Discord. O aplicativo é usado principalmente por adolescentes que querem jogar e conversar ao mesmo tempo, e, inclusive, foi desenvolvido com esse propósito. Mas a ideia de uma plataforma capaz de acoplar vários chats de comunicação de voz e vídeo ganhou contornos sombrios nos últimos anos. Estupros virtuais, automutilação e comercialização de pornografia infantil são a ponta do iceberg de uma tendência de transformação da violência em entretenimento nas diversas plataformas. Os principais alvos? Crianças e adolescentes.

CAÇA AO CRIME VIRTUAL

Em novembro de 2024, a Polícia Civil de São Paulo deflagrou a Operação Nix: uma espécie de caça ao crime no ambiente virtual. As investigações começaram após denúncia anônima e logo foram descobertas em diferentes estados diversas vítimas, principalmente de estupro virtual e automutilação, que tiveram suas imagens divulgadas pelos líderes dos grupos. Esses também estavam em várias cidades. O endereço de um deles bateu em Salvador. Luis Alexandre de Oliveira Lessa foi preso no mesmo mês.

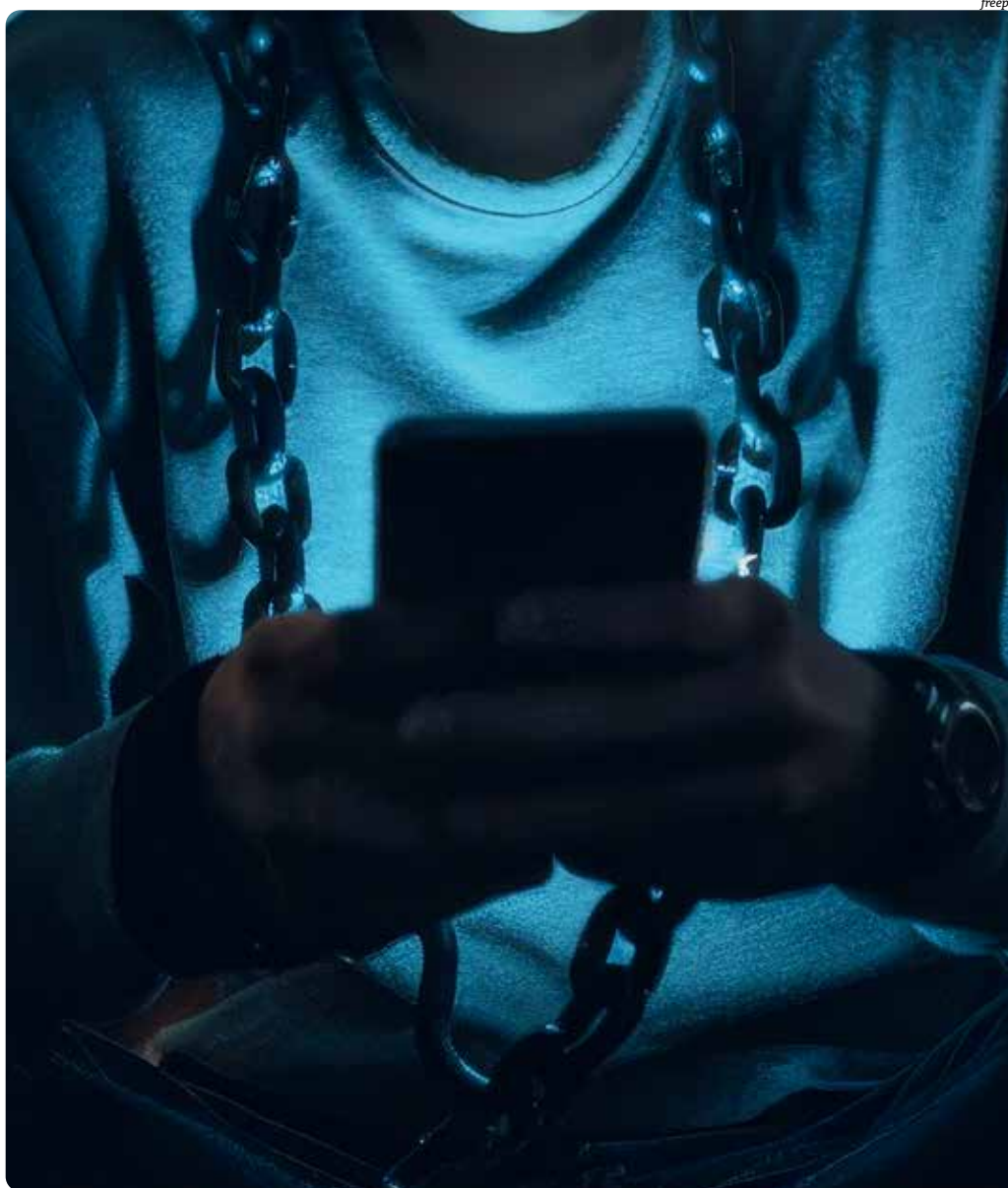
SOLDADO DO DIGITAL

Até aquele momento, para os familiares, ele era um jovem de 20 anos, soldado do Exército e lutador de jiu-jitsu. Atrás das telas, ele se tornava o “Hitler da Bahia” ou

“Sagaz” e liderava um grupo de adolescentes no Telegram, que praticava estupro virtual, com incentivo à automutilação, pedofilia e “violência por diversão”, apontou a investigação do MP-SP. Com o material desses crimes em mãos, as lideranças conseguiam ainda fazer com suas vítimas não se desligassem dos grupos, permanecia como espécies de reféns virtuais.

Ao Jornal Metropole, Lisândrea Colabuono, coordenadora do Núcleo de Observação e Análise Digital (Noad)

da PC-SP, explica que “Sagaz” usava as vestimentas do Exército “para passar credibilidade e atuar no grupo com uma superior hierarquia”, característica que não é incomum entre os investigados. Nix, o nome da operação, não é à toa: se refere a uma deusa da mitologia grega que era considerada a personificação da noite, escuridão e trevas. Era, inclusive, o codinome usado nas redes sociais por um dos outros alvos dos policiais.



freepik

Na insegurança de casa

Durante a investigação, uma das agentes infiltradas nesse grupo chegou a ligar para a mãe de uma das jovens que estava prestes a se tornar vítima de um estupro virtual. Mesmo desconfiando que se tratava de um trote, afinal “sua filha estava segura em casa”, a foi até o quarto da menina e conseguiu evitar.

Com a violência sendo tratada como entretenimento, a sequência de absurdos teve seu estopim na última segun-

da-feira (7): a Polícia Civil de São Paulo instaurou um inquérito para investigar o Discord por apologia à violência digital. A rede social descumpriu uma solicitação emergencial realizada pelas autoridades para derrubar uma transmissão ao vivo onde eram exibidas cenas de automutilação. O sofrimento alheio é comemorado atrás das telas sem qualquer empatia por vítimas humanas ou animais.



freepik



A cidade do cemitério de carros

População vira figurante em meio a ferro velho formado por veículos sucateados e abandonados nas ruas de Salvador

Texto **Daniela Gonzalez**
daniela.gonzalez@metro1.com.br

Salvador está virando a cidade do nunca mais: nunca mais alguém busca o carro que deixou apodrecendo na esquina, nunca mais o dono aparece para remover a carcaça que virou abrigo de ratos, nunca mais aquele veículo deixará a função de monumento ao descaso. De janeiro a agosto do ano passado, foram identificadas 429 sucatas largadas nas vias da cidade. Quase metade foi parar no depósito público; as outras ainda tiveram o luxo de serem resgatadas pelos donos, sabe-se lá com que cara.

Mas não pense que o cenário mudou em 2025. De 1º de janeiro até 9 de abril deste ano, a farrá do abandono continua: 89 foram recolhidas pelos próprios donos depois da notificação (milagre!), enquanto outras 153 sucatas de

veículos viraram responsabilidade da prefeitura, que teve que meter a mão e apreender o entulho.

Tudo começa com uma notificação da Secretaria Municipal de Ordem Pública, e o dono tem 72 horas pra sumir com a bomba. Em casos mais críticos — tipo carro sem motor, vidro quebrado, pneu arriado —, o prazo é zero. Se não aparecer ninguém, a prefeitura vai lá e leva embora. Mas o problema é o durante: entre o abandono e a remoção, quem paga o pato é o cidadão que tropeça na ferrugem, o motorista no trânsito, a criança que brinca do lado de um criadouro de dengue e a vizinhança que passa a tratar o caos urbano como paisagem.

A “Operação Cidade Dez, Sucata Zero” tenta dar conta da herança de abandono espalhada por Salvador. E não só nas periferias, diga-se: carro largado é democrático. Aparece em frente de oficina, em

ladeira de bairro chique, ao lado de escola, hospital, padaria. Tudo vira depósito de ferro-velho a céu aberto.

E ainda sobrou trabalho nas praias: porque nem o mar escapa da sucatalândia soteropolitana. No ano passado, foram 63 embarcações abandonadas notificadas. Neste ano, ainda estamos em abril e já foram duas. E pensar que tudo isso ainda pode ser recuperado em até 90 dias. Mas quem disse que quem largou quer voltar? Parece que Salvador virou mesmo um grande pátio de abandono — e a gente, figurante no meio do ferro velho.

E a pergunta que não quer calar: por que tanto carro abandonado? É falta de dinheiro pra consertar, é golpe de oficina, é dono que some? Ou tem gente tratando o espaço público como se fosse extensão da própria garagem — aquela que nunca existiu? O que se vê são restos metálicos tomados de mato, ferrugem e desprezo.



metropress



429

sucatas foram identificadas janeiro a agosto do ano passado, largadas nas vias da cidade

PROMOÇÃO

SALVADOR PARA BAIANOS

DIÁRIAS A R\$ **470**,00
PARTIR DE:

MÍNIMO DE 02 NOITES | CAFÉ DA MANHÃ INCLUSO | 2 CRIANÇAS GRÁTIS ATÉ 10 ANOS
CONSULTE DATAS DISPONÍVEIS | LOTE LIMITADO DE APTOS MEDIANTE DISPONIBILIDADE

INFORMAÇÕES E RESERVAS: 71 3413-0200 | 99934-5224

WWW.GRANHOTELSTELLAMARIS.COM.BR



**GRAN HOTEL
STELLA MARIS**
URBAN RESORT & CONVENTIONS



80 anos da Cantina da Lua, vamos fazer uma grande festa?

James Martins

Vou falar mais uma vez sobre Clarindo Silva. Gosto de variar os assuntos aqui no jornal, apesar de ser, eu, um obsessivo dos mesmos temas em meu cotidiano. Volto outra vez a Clarindo Silva, mas sei que serei compreendido, até por ter um pretexto perfeito para a exigência dos periódicos: a Cantina da Lua (bar, restaurante e centro cultural sob seus cuidados há muito tempo) comemora 80 anos este ano. Mais precisamente, este mês. E a função deste artigo é justamente chamar atenção da Bahia, incluindo poderes públicos e particulares, para a necessidade de comemarmos o acontecimento. Creio que não carecem justificativas, mas, nesse mundo guiado pela lógica banal dos editais, posso enumerar uma série de motivos. 1 - A Cantina da Lua faz 80 anos! (acha pouco numa cidade onde 30 aninhos já são um século?). 2 - Por ali circularam alguns dos nossos maiores artistas, incluindo Riachão, Batatinha, Tião Motorista, Claudete Macedo etc. 3 - O local foi pre-

feitura da cidade, no início do mandato de Mário Kertész, em 1986, com direito a despachos (não confundir com bozó) oficiais do então prefeito. E vou continuar no próximo parágrafo.

4 - Do Projeto Cultural Cantina da Lua surgiu a hoje consagrada Terça-da-Bênção do Olodum. 5 - Na Cantina está a única placa atestando o reconhecimento do Pelourinho como Patrimônio da Humanidade pela Unesco. 6 - Ali nasceu a Fundação Criançarte, com foco em educação patrimonial para as crianças da região (ah, se fosse adotado e levado a sério pelos governos). 7 - A mera atuação de Clarindo Silva, dentro e fora dos limites do estabelecimento, deveria ser agradecida de joelhos. E paro por aqui pois parece mesmo conta de mentiroso a quantidade de façanhas.

Por essas e outras, quero convocar todo mundo para fazer uma grande festa, de civilidade, não de partidarismo. A produtora Macaco Gordo, de Chico Kertész, já está engajada. Alguém vai ficar de fora?

Creio que não carecem justificativas para comemorar os 80 anos da Cantina da Lua, mas, nesse mundo guiado pela lógica banal dos editais, posso enumerar uma série de motivos



tacio moreira/metropress



Coordenadora **Kamille Martinho**
kamille.martinho@metro1.com.br

Pegue a visão

Chegou a melhor parte do jornal: nossa editoria de dicas! Aproveite porque, se depender das indicações, não sei se estaremos aqui na próxima edição

Nega Lôra

Perguntaram-me: “quanto é que vale um amigo?” e eu não soube responder... Ainda não consegui vender nenhum.

Fausto Silva

Dizem que a beleza está no interior. Mas eu acredito que também tenha gente bonita no litoral.

Lacerda

O pior inquilino é o espermatozói-de. Mora com milhões de irmãos na casa do cacete. O apartamento é um ovo. O prédio é um saco. Os vizinhos da frente são uns pentelhos. O de trás só faz merda. E o proprietário, quando fica duro, põe tudo na rua.

Só os loucos sabem

Estou cansado dessas correntes bestas de WhatsApp. Que coisa chata! Se você também cansou, envie para 20 pessoas.

Guto

- E o seu ex?
- É um caso enterrado há muito tempo.
- Chamo isso de maturidade.
- Eu também! Mas a polícia insiste em chamar de homicídio.

Buçanha

A delícia dos 30+ é que não existe mais nenhuma festa que seja imperdível.

Boto Cor-de-rosa

Lendo agora, em um dicionário, descobri que “punhado” é o que cabe na mão e “bocado” é o que cabe na boca. Nem quis olhar o significado de “cunhado”.

Rolinho

Urge a necessidade de um asilo para jovens. Queremos ser cuidados sem ter que trabalhar, ter recreação para jogar bingo e cartas com os amigos. Cadê as políticas para a Saúde Pública dos jovens?

Filho de Jack

Beijar não estraga amizade, o que estraga é emprestar dinheiro.

Pedro Bial

Do pó viemos, ao pó voltaremos. Por isso que eu não varro nada, vai que é alguém que eu conheço.

Ritinha

Se tá ruim pra você, imagina pro meu amigo que foi contar uma piada pra esposa e o rapaz embaixo da cama deu risada.





NÃO DÊ ESPAÇO PRO MOSQUITO

DENGUE MATA, E VOCÊ PODE SER A PRÓXIMA VÍTIMA

Quando o *Aedes Aegypti* acha qualquer brecha, logo se espalha e coloca você e sua família em perigo. Para não dar espaço a ele, siga as dicas. Em caso de sintomas, reforce a hidratação e procure o posto de saúde da Prefeitura antes de tomar qualquer medicação.



EVITE POÇAS DE ÁGUA NA ÁREA DA CASA



LIMPE RALOS E CALHAS



COLOQUE AREIA NOS PRATOS DE PLANTAS



MANTENHA O QUINTAL SEM LIXO OU ENTULHO



MANTENHA TONÉIS E CAIXAS D'ÁGUA FECHADOS



GUARDE GARRAFAS E BALDES VIRADOS PARA BAIXO



GOVERNO DO ESTADO
BAHIA
SECRETARIA DA SAÚDE

GOVERNO
PRESENTE
FUTURO
PRA GENTE